

INTELIGÊNCIA CULTURAL E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: CAPACITAR DOCENTES PARA AMBIENTES DE APRENDIZAGEM INTERCULTURAIS NO ENSINO SUPERIOR

CULTURAL INTELLIGENCE AND PEDAGOGICAL INNOVATION: TRAINING TEACHERS FOR INTERCULTURAL LEARNING ENVIRONMENTS IN HIGHER EDUCATION

INTELIGENCIA CULTURAL E INNOVACIÓN PEDAGÓGICA: FORMACIÓN DE PROFESORES PARA ENTORNOS DE APRENDIZAJE INTERCULTURAL EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

Ana Luisa Martinho¹ [<https://orcid.org/0000-0001-5449-4235>]

Helena Salazar² [<https://orcid.org/0000-0002-0395-3961>]

Isabelle Tulekian³ [<https://orcid.org/0000-0003-1861-5241>]

Paula Carvalho⁴ [<https://orcid.org/0000-0001-5382-0676>]

Paula Peres⁵ [<https://orcid.org/0000-0001-5382-0676>]

¹ CEOS.PP, ISCAP, P.Porto, Portugal, anamartinho@iscap.ipp.pt

² CEOS.PP, ISCAP, P.Porto, Portugal, hsalazar@iscap.ipp.pt

³ CEI, ISCAP, P.Porto, Portugal, itulekian@iscap.ipp.pt

⁴ CEOS.PP, ISCAP, P.Porto, Portugal, paulacarvalho@iscap.ipp.pt

⁵ CEOS.PP, ISCAP, P.Porto, Portugal, pperes@iscap.ipp.pt

Resumo

Num contexto de crescente internacionalização das Instituições de Ensino Superior, torna-se cada vez mais urgente capacitar docentes para lidar com os desafios de ambientes pedagógicos multiculturais, nomeadamente no que respeita à adaptação de currículos e abordagens pedagógicas. Reconhecendo que a cultura é um elemento-chave para construir confiança, fomentar a inovação e desenvolver ambientes de aprendizagem mais eficazes, este trabalho defende a importância de aprendizagens situadas que promovam a reflexão conjunta de docentes e estudantes, como base para a co-criação de contextos de ensino verdadeiramente interculturais.

Esta comunicação baseia-se no projeto europeu Cult@Intel, que visa capacitar docentes do Ensino Superior para impulsionar o sucesso académico dos e das estudantes, através da promoção da consciência cultural e da internacionalização do ensino. Através do desenvolvimento da Inteligência Cultural — entendida como a capacidade de se adaptar e interagir eficazmente em contextos culturais diversos (nacionais, étnicos e organizacionais) — propõe-se repensar práticas pedagógicas, tornando-as mais inclusivas e sensíveis às diferentes origens culturais das comunidades estudantis. A abertura à diferença, o diálogo intercultural e a predisposição para a mudança são destacados como elementos centrais desta macrocompetência, essencial para a inovação pedagógica no Ensino Superior contemporâneo.

Palavras-chave: Inteligência Cultural, Internacionalização do Ensino Superior, Inovação Pedagógica, Aprendizagem Inclusiva, Educação intercultural.

Abstract

In a context of growing internationalisation of Higher Education Institutions, it is becoming increasingly urgent to train teachers to deal with the challenges of multicultural pedagogical environments, particularly with regard to adapting curricula and pedagogical approaches. Recognising that culture is a key element in building trust, fostering innovation

and developing more effective learning environments, this paper advocates the importance of situated learning that promotes joint reflection between teachers and students, as a basis for co-creating truly intercultural teaching contexts.

This paper is based on the European project Cult@Intel, which aims to empower higher education teachers to boost students' academic success by promoting cultural awareness and the internationalisation of teaching. Through the development of Cultural Intelligence – perceived as the ability to adapt and interact effectively in diverse cultural contexts (be they national, ethnic and organisational) – a proposal is put forward to rethink teaching practices, making them more inclusive and sensitive to the different cultural backgrounds of student communities. Openness to difference, intercultural dialogue and a predisposition to change are highlighted as central elements of this macro-competence, which is essential for pedagogical innovation in contemporary higher education.

Keywords: Cultural Intelligence, Internationalisation of Higher Education, Pedagogical Innovation, Inclusive Learning, Intercultural Education.

Resumen

En un contexto de creciente internacionalización de las instituciones de enseñanza superior, resulta cada vez más urgente formar a los profesores para que puedan hacer frente a los retos que plantean los entornos pedagógicos multiculturales, especialmente en lo que se refiere a la adaptación de los planes de estudio y los enfoques pedagógicos. Reconociendo que la cultura es un elemento clave para generar confianza, fomentar la innovación y desarrollar entornos de aprendizaje más eficaces, este documento defiende la importancia de un aprendizaje situado que promueva la reflexión conjunta entre profesores y estudiantes, como base para la cocreación de contextos de enseñanza verdaderamente interculturales.

Este artículo se basa en el proyecto europeo Cult@Intel, cuyo objetivo es capacitar a los profesores de enseñanza superior para que impulsen el éxito académico de los estudiantes fomentando la conciencia cultural y la internacionalización de la enseñanza. A través del desarrollo de la Inteligencia Cultural –entendida como la capacidad de adaptarse e interactuar eficazmente en contextos culturales diversos (nacionales, étnicos y organizativos)– se propone repensar las prácticas docentes, haciéndolas más inclusivas y sensibles a los diferentes orígenes culturales de las comunidades estudiantiles. La apertura a la diferencia, el diálogo intercultural y la predisposición al cambio se destacan como elementos centrales de esta macrocompetencia, esencial para la innovación pedagógica en la enseñanza superior contemporánea.

Palabras-clave: Inteligencia cultural, internacionalización de la enseñanza superior, innovación pedagógica, aprendizaje inclusivo, educación intercultural.

INTRODUÇÃO

Num contexto de crescente internacionalização do ensino superior e de intensificação da transformação digital na educação, o projeto Cult@Intel – Incentivise Excellence in Digitally-transformed Pedagogy: Applying Cultural Intelligence for Students' Inclusiveness and Success (2024-1-LT01-KA220-HED-000255112), financiado pelo programa Erasmus+ (Ação KA2 – Parcerias de Cooperação no Ensino Superior), apresenta-se como uma resposta inovadora e relevante aos desafios contemporâneos enfrentados pelas instituições de ensino superior (IES) na Europa. Desenvolvido entre Dezembro de 2024 e Novembro de 2026, o projeto tem como prioridades estratégicas a promoção da excelência no ensino e na aprendizagem, a inclusão e diversidade, e a transformação digital, propondo uma abordagem integrada que cruza estas dimensões de forma prática e aplicada. O projeto é coordenado pela Universidade Vytautas Magnus – VMU (Lituânia), em parceria com o Centro de Inovação Social – CSI (Chipre), Universidade da Letónia – LV (Letónia) e CEOS/Instituto Politécnico do Porto (Portugal).

A relevância do projeto Cult@Intel assenta, em primeiro lugar, no seu contributo para a excelência pedagógica num contexto de ensino internacionalizado, ao desenvolver e implementar a competência “Inteligência Cultural na pedagogia digitalmente transformada” como eixo estruturante para a formação de docentes e para a melhoria da experiência educativa de estudantes com origens culturais diversas. Neste sentido, destaca-se a criação de um e-Lab educativo que contempla percursos de aprendizagem diferenciados para professores e pessoal administrativo, incluindo cursos de formação em serviço, repositórios de boas práticas e orientações estratégicas para recompensar e incentivar a excelência pedagógica baseada na inteligência cultural.

Simultaneamente, o projeto reforça o compromisso europeu com a inclusão e a diversidade, ao promover a internacionalização como uma abordagem abrangente para garantir a equidade no acesso e no sucesso educativo. A capacitação dos docentes para integrarem práticas pedagógicas sensíveis à diversidade cultural, bem como o envolvimento de parceiros sociais com experiência na resolução de problemas ligados à multiculturalidade, assegura uma resposta concreta aos desafios enfrentados por estudantes com menos oportunidades.

Por fim, a dimensão da transformação digital é abordada de forma substancial através da utilização de metodologias inovadoras de ensino e aprendizagem, como os NOOCs (Nano Open Online Courses), que favorecem a flexibilidade, a acessibilidade e a interatividade na formação docente. A incorporação de práticas de aprendizagem invertida e o desenvolvimento de recursos digitais aplicáveis ao ensino multicultural contribuem para reforçar a resiliência e a preparação digital das IES.

Assim, o projeto Cult@Intel alinha-se com os objetivos estratégicos da União Europeia para o ensino superior ao articular, de forma coerente, inovação pedagógica, inclusão cultural e transição digital, respondendo de forma concreta às exigências de um espaço europeu de educação mais justo, inclusivo e preparado para os desafios do século XXI.

Este projeto, ao destacar a importância da inteligência cultural na pedagogia digitalmente transformada para a promoção da inclusão e excelência no ensino superior, enquadra-se num contexto teórico multifacetado que será explorado nas secções e subsecções seguintes. A análise da crescente internacionalização do ensino superior, acompanhada da legislação recente sobre igualdade e diversidade, fornece a base normativa e social para a intervenção proposta. Em paralelo, serão aprofundados os conceitos de inovação pedagógica e de aprendizagem em formato b-learning, bem como a abordagem da interculturalidade em contextos educativos. Finalmente, a discussão sobre inteligência cultural permitirá fundamentar teoricamente as práticas e estratégias que sustentam o projeto Cult@Intel. Estes temas estruturam o corpo deste trabalho e orientam os próximos passos para a implementação e desenvolvimento da iniciativa.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Crescente internacionalização do ensino superior + Legislação sobre igualdade no ensino superior e contexto de estudantes internacional (Decreto-Lei n.º 20/2025 | DR)

Nos últimos anos, a internacionalização do ensino em Portugal tem crescido de forma significativa.

De acordo com a Direção Geral do Ensino Superior (DGES), a internacionalização do ensino superior tem sido uma prioridade nas políticas educativas nacionais, o que se reflete no número de estudantes estrangeiros no ensino superior.

Em 2023, estudavam nas diferentes Universidades e Institutos Politécnicos nacionais cerca de 80.000 estudantes estrangeiros, representando 18,7% dos estudantes inscritos no ensino superior. Esperando-se que até 2030, os estudantes estrangeiros representem 20% dos estudantes em Portugal.

A razão de ser do incremento de estudantes internacionais no ensino superior nacional, prende-se com diversos fatores como a qualidade do ensino ministrado, a existência de muitos cursos lecionados em Inglês, e bem assim a existência de um Estatuto do Estudante Internacional, que regulamenta o regime de ingresso, que se concretiza através de um concurso especial de ingresso para estudantes internacionais, vagas e prazos de candidatura, propinas e ação social.

O Estatuto do Estudante Internacional foi aprovado em 2014, pelo Decreto Lei n.º 36/2014 de 10 de março, seguindo-se-lhes três alterações, em 2014, pelo Decreto Lei n.º 113/2014 de 16 de julho, em 2021, através do Decreto-Lei n.º 77-A /2021 de 27 de agosto, e em 2025, através do Decreto lei n.º 20/2025 de 18 de março.

Naturalmente que os estudantes internacionais, como cidadãos estrangeiros em Portugal, estão sob a alçada do ordenamento jurídico nacional, destacando-se pela sua relevância, o artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa, que assegura que todos os cidadãos são iguais perante a lei e que têm a mesma dignidade social. O artigo 15.º da Constituição estabelece que os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português, proibindo-se toda e qualquer forma de discriminação.

A permanência dos estudantes estrangeiros, diversifica o ambiente acadêmico e cultural, mas lança ao mesmo tempo especiais preocupações quanto à integração destes estudantes na sociedade em geral e na escola em particular.

O artigo 12.º do Estatuto do Estudante Internacional, sob a epígrafe integração social e cultural, estatui que as instituições de ensino superior, com a colaboração das entidades relevantes, devem tomar iniciativas destinadas a promover a integração académica e social dos estudantes admitidos, organizando ações que considerem adequadas a uma participação ativa, nomeadamente nos domínios da língua, da cultura, da ciência, da tecnologia e do desporto. Esperamos poder contribuir para que se alcancem os objetivos propostos através do projeto Cult@Intel.

1.2 Inovação pedagógica + contexto de aprendizagem em b-learning

A transformação digital impulsiona grandes mudanças nos modelos de ensino e aprendizagem, requerendo abordagens pedagógicas mais recentes, em complemento ao ensino tradicional. Neste contexto, a inovação pedagógica é utilizada para ajustar o ensino e a aprendizagem às necessidades de uma sociedade em rede e em constante mudança.

A inovação pedagógica corresponde à utilização de novos modelos educativos, estratégias ou metodologias que procuram melhorar a qualidade das aprendizagens, fazendo com que os alunos participem mais e tornando o processo educativo mais eficaz. Essa inovação não é só sobre como utilizar as tecnologias digitais, mas também sobre as mudanças que se exige nos papéis dos docentes e dos estudantes, favorecendo a aprendizagem centrada no estudante, a colaboração, a autonomia e a personalização dos percursos de aprendizagem (Fullan, 2013).

No b-learning, a inovação dá-se na combinação de componentes online e presenciais. Este modelo híbrido combina as vantagens da mediação tecnológica, flexibilidade, acessibilidade e personalização, com as vantagens do contato presencial, como a construção coletiva do saber, a interação social, e a mediação direta do docente. Este cenário dual exige estratégias pedagógicas específicas que reúnam, de forma coerente, os momentos síncronos e assíncronos, garantindo a continuidade e a integração da aprendizagem.

As práticas pedagógicas inovadoras em b-learning incluem metodologias ativas, como a sala de aula invertida (flipped classroom), a aprendizagem baseada em projetos (PBL), estudos de caso, gamificação e o uso de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) para o acompanhamento e a avaliação formativa. As práticas de aprendizagem inovadoras com o b-learning devem instigar a participação ativa dos alunos, o pensamento crítico, a resolução de problemas, e a construção de conhecimentos significativos.

Não obstante, a inovação pedagógica em b-learning encontra também alguns desafios tais como a necessidade de uma formação constante dos docentes e a necessidade de uma boa infraestrutura tecnológica. Além disso, é necessário prever a resistência às mudanças por parte dos docentes. Há a necessidade de transformar a forma de ensinar, assim como a adaptação de novos modelos de avaliação capazes de acompanhar as novas formas de educação.

Além disso, é ainda importante considerar as particularidades dos estudantes, o seu perfil, as suas habilidades digitais e formas de aprender diferentes. Isso tudo para assegurar que todos tenham acesso ao saber, de maneira justa e igualitária (Kenski, 2012; Lévy, 2010).

1.3 A interculturalidade em contexto de aprendizagem

Dois fatores essenciais têm contribuído para uma mudança etno-cultural em contexto de aprendizagem: as correntes migratórias e a internacionalização crescente das instituições do ensino superior. Migrantes e estudantes estrangeiros trazem consigo as respetivas culturas, línguas, e bagagem académica para os campus universitários, que se transformam num palco para a diversidade. Indubitavelmente, essa diversidade só pode representar um enriquecimento do ambiente de aprendizagem. No entanto, terá de ser objeto de análise e reflexão por parte da comunidade representada no campus, para poder ser gerida e produzir efeitos positivos para todos.

É importante definir os conceitos de base para medir corretamente o impacto da diversidade cultural em contexto de aprendizagem. Por cultura, entende-se um sistema dinâmico de valores, crenças e comportamentos que influenciam a forma como as pessoas vivenciam e reagem ao mundo que as rodeia. (Guo & Zamal, 2007). No entanto, essa definição pode não ser considerada suficiente para se alcançar a complexidade da diversidade cultural. Aos valores, crenças e comportamentos próprios de uma cultura, haverá que acrescentar outras características, talvez menos

visíveis, como as questões de classe e de gênero, que vão igualmente afectar a identidade individual e da pertença ao grupo. É desse cruzamento que nasce a diversidade cultural. Para uma boa gestão dessa diversidade, é preciso analisá-la e procurar o melhor caminho para criar pontes que vão unir os diversos elementos que compõem aquela diversidade, segundo uma perspectiva intercultural, enfatizando a importância do diálogo, da troca de ideias e da aprendizagem mútua, procurando superar preconceitos e estereótipos. Os professores e outros intervenientes no contexto de aprendizagem terão um papel determinante na implementação de um ambiente favorável à interculturalidade.

Poe sua vez, Bennett (1995) sustenta que o objetivo da educação multicultural é o desenvolvimento do crescimento intelectual, social e pessoal de todos os estudantes até ao seu potencial máximo. No entanto, afirma que o facto de aqueles serem capazes de desenvolver e compreender múltiplos sistemas de percepção, avaliação, crença e ação depende da atitude e do comportamento do professor e do facto de este proporcionar ou não oportunidades equitativas de aprendizagem. Este compromisso intercultural implica o desenvolvimento de competências, conhecimentos e atitudes para comunicar, colaborar e estabelecer relações entre culturas de forma eficaz. A formação intercultural visa alargar os conhecimentos das pessoas sobre a sua própria cultura e sobre outras culturas, influenciar as suas atitudes em relação a culturas estrangeiras e desenvolver competências para interagir eficazmente com pessoas de outras origens culturais.

Num contexto académico, os professores vão esforçar-se por utilizar a diversidade como um recurso na sala de aula, ao mesmo tempo que procuram criar um ambiente educativo inclusivo. Por exemplo, devem integrar várias perspectivas, autores e acontecimentos históricos nas suas aulas, assegurando que os estudantes se consideram refletidos nos materiais utilizados na sala de aula. Na verdade, é suposto os professores receberem formação para interações interculturais e serem capazes de integrar as experiências dos estudantes no seu desenvolvimento profissional. A promoção da competência intercultural de um futuro professor no âmbito da interação pedagógica representa, por conseguinte, uma abordagem inovadora destinada a melhorar a competência profissional do corpo docente.

Em jeito de conclusão, promover a comunicação intercultural e a colaboração em contexto de aprendizagem traz benefícios tanto para os professores como para os estudantes:

- Pode melhorar a qualidade dos resultados da aprendizagem, expondo os alunos a diferentes formas de pensar, resolver problemas e exprimir ideias.
- Pode promover o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da empatia e da competência intercultural entre alunos e professores.
- Pode aumentar a motivação, o empenhamento e a satisfação de alunos e professores, tornando a aprendizagem mais relevante, significativa e agradável.
- Pode preparar alunos e professores para os desafios e oportunidades de viver e trabalhar numa sociedade globalizada e multicultural.
- Pode contribuir para a coesão social, a inclusão e a equidade de diversas comunidades, reduzindo os estereótipos, os preconceitos e os conflitos.

1.4 A inteligência cultural

O pluralismo e a diversidade constituem condições factuais das sociedades contemporâneas, cada mais multiculturais (Pierre & Sauquet, 2024). Cada pessoa e cultura constrói a sua identidade a partir e em contraposição com a outra pessoa/cultura. As culturas podem ser entendidas como espaços simbólicos onde se constroem representações de si e das outras pessoas, expressas através de comportamentos, discursos e ações que ganham forma quase performativa no quotidiano (Abdallah-Pretceille, 2017).

A globalização pode induzir a uma percepção ilusória de homogeneidade cultural, sugerindo que, mesmo em contextos geograficamente distantes, há elementos comuns que nos tornam semelhantes. Esta visão, frequentemente associada à metáfora do *flat world* (Livermore, 2015), constitui uma hipersimplificação da realidade. Embora a superfície possamos parecer iguais, persistem profundas diferenças culturais, sociais e históricas que moldam as nossas identidades e formas de estar no mundo.

Embora a cultura não explique, por si só, todas as dinâmicas que ocorrem em contextos de aprendizagem, constitui um fator central na construção de relações pedagógicas eficazes. Cada indivíduo participa simultaneamente em múltiplos universos sociais e culturais, cuja influência nem sempre é harmoniosa. Estes universos podem, por vezes, entrar em tensão ou contradição no que respeita a normas, valores e expectativas sociais. Esta realidade reflete a

complexa articulação entre dinâmicas locais e globais, evidenciando que as identidades culturais são construídas num processo contínuo de negociação entre pertenças diversas e, por vezes, conflituosa (Abdallah-Pretceille, 2017). A sensibilidade às diferenças culturais é essencial para negociar significados, construir confiança entre docentes e estudantes, promover abordagens pedagógicas inovadoras e desenvolver ambientes de aprendizagem inclusivos. Ao reconhecer e integradiferentes referenciais culturais, os e as docentes estão a potenciar experiências significativas de aprendizagem, evitando a reprodução de desigualdades e fomentando a participação ativa de todos os alunos. Esta perspetiva alinha-se com os princípios da educação intercultural crítica, que defende não apenas a valorização da diversidade, mas também a sua utilização como recurso pedagógico e motor de transformação social.

Promover contextos de aprendizagem que valorizem o multiculturalismo representa um passo fundamental rumo à interculturalidade. Este conceito torna-se central numa perspetiva orientada para a igualdade de oportunidades, a valorização das diferenças e singularidades, e o reconhecimento do pluralismo como um fator de enriquecimento mútuo. No discurso da União Europeia, a interculturalidade é frequentemente apresentada como uma chave para a coesão social, para a inclusão e para a construção de sociedades mais justas e democráticas, onde a diversidade é entendida como um recurso, e não como uma barreira (Rocha-Trindade, 2015).

A jornada de desenvolvimento da sensibilidade à interculturalidade pode ser compreendida em fases frequentemente pautadas por alguma frustração e desorientação, mas que partem sempre da curiosidade. A esta curiosidade inicial acresce a reflexão crítica, por forma a alcançar uma adaptação de ambas as partes. Este percurso não é necessariamente linear nem universal, mas constitui uma referência útil para compreender os processos de desenvolvimento da inteligência cultural.

A inteligência cultural por ser definida como a capacidade de adaptação e interação eficaz entre diferentes culturas – nacionais, étnicas e organizacionais – mobilizando e implementando recursos diversificados (Calado & Maques, 2023; Livermore, 2015). Neste projeto, a inteligência cultural é concebida como uma macrocompetência, desdobrada pela equipa em quatro capacidades fundamentais, seguindo de perto a proposta de Livermore (2015):

1. **Orientação** – capacidade de reconhecer e gerir preconceitos pessoais por parte de docentes em relação a estudantes que enfrentam barreiras culturais;
2. **Cognição** – capacidade de identificar de forma eficaz as diferenças culturais entre os grupos de estudantes;
3. **Estratégia** – capacidade de desenvolver abordagens adequadas para interagir com estudantes provenientes de contextos culturais diversos;
4. **Ação** – capacidade de implementar medidas concretas que promovam um ambiente de aprendizagem inclusivo.

Um dos grandes desafios em contextos de aprendizagens globais é o de combinar a promoção de valores universais sem desqualificar as singularidades culturais (Pierre & Sauquet, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRÓXIMOS PASSOS

O projeto prevê a dinamização de sessões de co-construção de materiais pedagógicos, através dos Fóruns de Parcerias Sociais. Em Portugal, a equipa reuniu um conjunto de *stakeholders* da academia, de organizações da economia social e de entidades ligadas à educação para a cidadania global, com o objetivo de assegurar o acompanhamento externo do progresso do projeto e a qualidade dos seus resultados. Foram convidadas 17 pessoas com diferentes experiências profissionais, localizadas em várias regiões de Portugal e oriundas de contextos culturais diversificados. Todavia, todas partilham uma sensibilidade à interculturalidade e um interesse comum em desenvolver as suas competências de inteligência cultural.

Os próximos passos deste grupo envolvem a co-construção das bases pedagógicas dos NOOCs associados à capacidade 3 – **Estratégia**, cuja responsabilidade está a cargo do ISCAP/CEOS.PP. Este espaço colaborativo de reflexão entre pessoas com perfis distintos constitui uma das estratégias participativas que pode potenciar a implementação efetiva do projeto, em alinhamento com as necessidades reais dos seus públicos-alvo.

DECLARAÇÃO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

O projeto Cult@Intel é uma Parceria de Cooperação Erasmus+ para o Ensino Superior e é financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões aqui expressas são as das autoras e não refletem necessariamente a

posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões.

REFERÊNCIAS

- Abdallah-Pretceille, M. (2017). L'identité entre la singularité des appartenances et l'universalité des valeurs. *Journal du droit des jeunes*, 364–365(4), 42–45. <https://doi.org/10.3917/jdj.364.0042>
- Abdallah-Pretceille, M. (2005). Pour un humanisme du divers. *VST – Vie sociale et traitements*, 87(3), 34–41. <https://doi.org/10.3917/vst.087.0034>
- Calado, C. & Marques, M. (2023). *Guia Prático de Recomendações e Recursos para Ecossistemas Interculturais*. Rede Portuguesa de Cidades Interculturais
- Fullan, M. (2013). *Stratosphere: Integrating technology, pedagogy, and change knowledge*. Pearson Canada.
- Kenski, V. M. (2012). *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação* (6ª ed.). Papirus.
- Livermore, D. (2015). *Leading with Cultural Intelligence. The Real Secret to Success*. AMACOM.
- Pierre, P. & Sauquet, M. (2024). *Abécédaire de l'Inter culturel. 50 mots à prendre en compte par temps d'intolérance*. Editions Charles Léopold Mayer.
- Rocha-Trindade, M. B. (2015). *Das migrações às Interculturalidades*. Edições Afrontamento.